

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

HELEN CARVALHO DA SILVA

AS REFERÊNCIAS SAUSSURIANAS NA OBRA DE ÉMILE BENVENISTE

ORIENTADOR: PROF. DR. VALDIR DO NASCIMENTO FLORES

Porto Alegre

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

HELEN CARVALHO DA SILVA

AS REFERÊNCIAS SAUSSURIANAS NA OBRA DE ÉMILE BENVENISTE

Monografia apresentada à Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de licenciada em Letras

Orientador: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores

Porto Alegre

2010

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas oportunidades.

A minha mãe, Lúcia, pelo exemplo e amor incondicional, pela confiança e investimento durante esses anos e pela alegria a cada nova conquista.

Ao meu pai, Carlos, pelo apoio no início dessa caminhada.

A meus irmãos, Maicon e Franciele, pela companhia e motivação.

Ao meu orientador, Valdir, pela dedicação e os ensinamentos ao longo do trabalho.

Aos meus professores, pelo aprendizado.

Aos meus colegas, em especial a Anamaria, a Danielle, o Henrique e a Jéssica, pela amizade, companheirismo, presença, incentivo e credibilidade.

Aos meus amigos e familiares, pela torcida e confiança nessa concretização.

Ao Guilherme, pelo carinho, amor e suporte nessa etapa final.

RESUMO

O presente trabalho se desenvolve no intuito de fazer uma análise para observar quais as referências que são feitas a Ferdinand de Saussure na obra de Émile Benveniste, apontando a relação entre suas teorias. Para tanto, fez-se uma revisão bibliográfica na busca de autores que já refletiram sobre o assunto e uma análise na principal obra de Benveniste, a saber, *o Problemas de Lingüística Geral (PLG)*, a fim de encontrar na obra foco quais as relações que o próprio Benveniste autorizou que fossem feitas entre si e Saussure.

O trabalho constitui-se de uma introdução à problemática seguida de dois capítulos. No primeiro capítulo, realiza-se uma revisão de publicações de autores do campo da lingüística da enunciação que se propuseram a discorrer sobre a relação entre as teorias de Saussure e Benveniste. No segundo capítulo, apresenta-se uma análise das referências a Saussure nas obras PLG I e PLG II, de Benveniste.

Conclui-se, considerando a investigação proposta, que diferentes são os discursos sobre a filiação de Benveniste à proposta saussuriana. Sabe-se que a teoria da enunciação tem seu princípio nas reflexões lingüísticas de Saussure. No entanto, entende-se que Benveniste vai além de simples interpretações do Curso de Lingüística Geral, de Saussure. Ele propõe uma leitura reformuladora que, novamente, reconfigura o campo dos estudos lingüísticos.

ABSTRACT

This paper aims to analyze and attempt to figure out the references to Ferdinand de Saussure that can be found in the work of Emile Benveniste, as well as the relation between their theories. Therefore, a literature review on the search of authors who have already reflected about the subject was made, as well as an analysis on Benveniste's main piece of work, namely "*Problèmes de linguistique générale*" (PLG), in order to find in it which relation Benveniste actually authorized to be made between Saussure and himself.

The structure of this paper is an introduction to the problem followed by two chapters. The first chapter makes a review of published authors on the Enunciation field that proposed to discuss the relation between Saussure's and Benveniste's theories. The second chapter presents an analysis on the references to Saussure in PLG I and PLG II, both by Benveniste.

The conclusion suggested by the research is that the discourses about the connection between Benveniste and the saussurian proposal differ a lot. It is known that the Enunciation theory of the latter bases on Saussure's linguistics reflections; however, it is understood that Benveniste goes beyond the simple interpretation about Saussure's "*Cours de Linguistique Générale*": he proposes a reformulated reading, which reconfigures again the linguistic studies field.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1. A RELAÇÃO SAUSSURE-BENVENISTE – CONSIDERAÇÕES GERAIS	11
1.1 Os comentadores da relação Saussure-Benveniste	11
1.2 Afirmações das raízes saussurianas em Émile Benveniste	14
2. O QUE DIZ BENVENISTE SOBRE SAUSSURE?	23
2.1 Saussure através do <i>Problemas de Lingüística Geral I</i>	23
2.2 Saussure através do <i>Problemas de Lingüística Geral II</i>	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
BIBLIOGRAFIA	37

INTRODUÇÃO

A relação proposta entre as reflexões de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste não é propriamente uma novidade entre os estudos lingüísticos. Pelo contrário, essa está presente em uma série de discussões entre lingüistas, pesquisadores, professores e, até mesmo, curiosos que se interessam pelas questões da linguagem e, em especial, sobre as metodologias no estudo da linguagem. Entretanto, tal reflexão ainda é vívida e motivo de discordâncias entre aqueles que se preocuparam em estudá-la, o que me suscitou a vontade de propor o presente debate.

Falar em lingüística pressupõe, obrigatoriamente, citar o nome do mestre Ferdinand de Saussure, filósofo e lingüista suíço que viveu entre 1857 e 1913. Saussure não foi propriamente o autor da obra que lhe foi atribuída, o *Curso de Lingüística Geral* (CLG), mas teve os méritos dos estudos que são considerados como fundadores da lingüística enquanto ciência. Já quando falamos em lingüística da enunciação, principalmente a Benveniste é fortemente atribuída a relação de filiação com o mestre suíço. Dos autores que afirmam que ele é apenas um bom leitor do mestre àqueles que o consideram um reformulador e, até mesmo, um “ultrapassador” de Saussure, temos uma variada gama de opiniões que merecem a atenção de quem se dispõe a mergulhar nesse campo de estudo lingüístico. Nesse momento, faz-se importante também ressaltar que a relação estipulada na ordem Saussure-Benveniste se dá muito mais pela questão cronológica do que uma conclusão sobre quem estaria à frente de quem.

Apesar dos estudos já mencionados sobre o assunto, não seria o bastante apenas fazer uma busca entre autores e o que já foi por eles proposto. É necessário também que se faça uma revisão na obra publicada de Émile Benveniste para que se possa observar qual a ligação que o próprio autor autoriza fazer entre si e Saussure e quais as conclusões que podem ser tiradas a partir dessa pesquisa. O presente trabalho tem por preocupação auxiliar no campo de estudos enunciativos com uma pesquisa metodológica nas publicações *Problemas de Lingüística Geral I* (PLG I) e *Problemas de Lingüística Geral II* (PLG II), e tem por objetivo apresentar quais são as referências a Saussure que podem ser encontradas nessas obras de Émile Benveniste a fim de suscitar a reflexão sobre que pontos são responsáveis pela união e/ou distanciamento entre os dois autores.

Sou uma profunda admiradora do trabalho proposto por Émile Benveniste, principalmente no que diz respeito ao reconhecimento da singularidade do sujeito em relação à língua. Acredito que a língua se constitua como um sistema integrativo de signos lingüísticos, mas acredito, acima de tudo, que compete ao sujeito a responsabilidade pela organização particular desse sistema e de sua transposição para o uso social. O sujeito se constitui na linguagem, ao mesmo tempo em que a linguagem depende desse sujeito. Assim, vejo Benveniste e Saussure como os pilares que sustentam essas crenças teóricas e relacioná-los foi uma decisão fundamentada na importância que ambos tiveram durante minha formação e na construção do meu aparato teórico-metodológico

Meu interesse pelo assunto surgiu com a participação no grupo de pesquisa *Enunciação e Distúrbios de Linguagem: sobre os níveis de análise da fala sintomática*, coordenado pelo Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores, onde tive a oportunidade de desenvolver o subprojeto *Enunciação e Distúrbios de Linguagem: uma reflexão sobre as mudanças da fala decorrentes das relações entre os níveis da análise*. Benveniste propõe em seu texto *Os níveis da análise lingüística* uma nova abordagem sobre o conceito de forma e sentido na linguagem onde esse está intimamente ligado ao conceito de nível. Para tal, ele apresenta a noção de nível como a relação que se estabelece entre os elementos da linguagem. Assim, segundo Benveniste (2006a), a forma se define pela “capacidade do elemento de dissociar-se em constituintes de nível inferior” (p. 135) e o sentido “como a capacidade de uma unidade lingüística de integrar uma unidade de nível superior” (p.136), tendo o mesmo como nível mínimo e a frase como máximo. Ainda, segundo ele: “Tudo se resume nisso: a dissociação leva-nos à constituição formal; a integração leva-nos às unidades significantes.” (p.135).

Essa proposição de Benveniste inova no sentido em que propõe a língua como um sistema que está em interdependência de seus níveis integrantes, impossibilitando a análise de apenas um nível isolado. Assim a análise da língua como um sistema que independe de seus integrantes não é válida, pois ela só significa a partir do reconhecimento global de todos eles. O autor conclui que: “Forma e sentido aparecem assim como propriedades conjuntas, dadas necessárias e simultaneamente, inseparáveis no funcionamento da língua.” (Benveniste, 2006a, p. 136). Para essa fala Benveniste aponta em nota de rodapé uma clara referência a Saussure:

Ferdinand de Saussure parece haver concebido também o “sentido” como um componente interno da forma lingüística, embora não se exprima a não

ser por meio de uma comparação destinada a refutar outra comparação: ‘Freqüentemente se comparou essa unidade de duas faces [a associação do significante e do significado] com a unidade de pessoa humana, composta de corpo e alma. A aproximação é pouco satisfatória. Poderíamos pensar com mais justeza num composto químico, a água por exemplo; é uma combinação de hidrogênio e oxigênio; tomado à parte, cada um desses elementos não tem nenhuma das propriedades da água’(Cours 2, p.145).(Benveniste, 2006a, p.136).

Após essa reflexão sobre a língua como um sistema integrativo e a referência direta às leituras que Benveniste mostra ter feito de Saussure, questionei-me sobre a possibilidade de relacionar os dois autores nas suas propostas de análises lingüísticas e, principalmente, de propostas metodológicas para as épocas a que cada um se insere. Para fins de método de pesquisa, e respeitando a cronologia, privilegiei a revisão dentro da obra de Émile Benveniste, buscando as referências diretas feitas à Saussure, a fim de investigar quais as ligações que o próprio Benveniste fez entre sua obra e a de seu mestre.

Quanto à apresentação do trabalho, o mesmo estará organizado da seguinte forma:

- Capítulo 1: Intitulado “A relação Saussure-Benveniste” – Considerações Gerais. Nele serão apresentados os estudos já feitos acerca do tema, justificando a pertinência de problematizá-los e trazê-los como objeto de estudo desse trabalho. O capítulo terá duas subdivisões, onde a primeira constituir-se-á de uma revisão bibliográfica de autores que afirmam a possibilidade de reconhecimento de raízes Saussurianas em Benveniste; a segunda explicitará como esses comentadores afirmam essa relação e o que dizem sobre o assunto. Intenciona-se, assim, apresentar diferentes perspectivas sobre a questão a fim de encaminhar pesquisas posteriores feitas na obra do discípulo.
- Capítulo 2: com o título de “O que diz Benveniste sobre Saussure”, o capítulo terá a preocupação de apresentar passagens presentes na obra de Émile Benveniste que são diretamente relacionadas a Ferdinand de Saussure. Esse também será dividido em dois subcapítulos com fins de organizar a pesquisa sobre os dois volumes de seu principal trabalho: *Problemas de Lingüística Geral I* (capítulo 2.1) e *Problemas de Lingüística Geral II* (capítulo 2.2).

Por fim, as conclusões serão apresentadas, relacionando o que os comentadores do tema propõem sobre o assunto com a investigação feita na obra do autor e uma reflexão breve acerca de qual é o papel de Benveniste em contraponto a obra de Saussure. Da mesma forma, apontar o que ele tem a contribuir ou a refutar aos estudos feitos no início do século XX. É oportuno salientar que esse estudo tem caráter de propor uma revisão bibliográfica e reflexões sobre o tema, não sendo, assim, a intenção trazer propostas conclusivas para o mesmo.

1 A RELAÇÃO SAUSSURE-BENVENISTE – CONSIDERAÇÕES GERAIS

A idéia de unir os lingüistas Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste não é uma novidade no campo de estudo lingüístico. Claudine Normand, que segundo Fiorin é “uma das mais importantes historiadoras da ciência da linguagem do mundo”, desde muito tempo preocupa-se em apresentar reflexões lingüísticas nas quais Saussure e Benveniste ocupam lugar privilegiado. Prova disso é o livro *Convite à Lingüística*, lançado no Brasil em 2009, pelos organizadores Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores, que tem por objetivo apresentar algumas das reflexões da autora para o público brasileiro. O livro é aberto com o seguinte trecho:

O título dado a esta apresentação do primeiro livro de Claudine Normand em Língua Portuguesa impõe a nós, de imediato, três compromissos: falar sobre Ferdinand de Saussure, sobre Émile Benveniste e sobre a história da lingüística. (Barbisan, Flores, 2009, p.7)

Com essa apresentação, é possível observar mais que claramente o lugar dado a esses dois autores na obra de Normand e, principalmente, na história da lingüística. Não obstante, uma fala dessas que coloca como obrigação o tratamento aos três assuntos, traz como quase impossível falar de lingüística sem relacionar Saussure e Benveniste. Além dos autores já citados, muitos são os interessados em pesquisar sobre o tema, o que poderemos observar a seguir na subseção 1.1.

1.1 Os comentadores da relação Saussure-Benveniste

No texto introdutório do livro *Convite à Lingüística* (2009), Barbisan e Flores falam de um pedido da autora para que eles encerrassem esse livro com o capítulo “*Saussure-Benveniste*”, onde Claudine Normand, segundo eles, “relembra os contextos teóricos nos

quais as relações entre Saussure e Benveniste são comumente estudadas para, enfim, falar em ‘encontros’ (reencontros).’ Eles ainda concluem com um pensamento onde Normand afirma que para ela Benveniste encontrou Saussure.

No entanto, Barbisan e Flores não se limitam a citar quais são as conclusões de Normand acerca dessa união. Eles fazem uma pesquisa epistemológica sobre os estudos dos dois autores em foco. Primeiramente, com um histórico sobre a publicação póstuma de Saussure, o *Curso de Lingüística Geral* que foi organizado por dois de seus amigos e alunos. Há, nessa apresentação, uma preocupação maior de desfazer alguns equívocos de leitura do *CLG* feita por muitos pesquisadores que se seguem à Saussure, principalmente no que diz respeito à leitura restrita das dicotomias apresentadas pelo mestre. Devemos lembrar que Saussure não tomava essas dicotomias em sentido *stricto sensu*, mas acreditava em um elemento mediador entre elas, como, por exemplo, para a dicotomia Língua e Fala, Saussure apresenta a linguagem. Essas leituras são, muitas vezes, descontextualizadas e/ou reduzidas a uma parte da obra de Saussure que motivam muitas das críticas ao estruturalismo, atribuído a Saussure ¹.

Barbisan e Flores também reservam um lugar para uma retomada de reflexões feitas por Émile Benveniste e que tem uma apresentação bastante tendenciosa para o uso em minha pesquisa. Dizem os autores: “Enfim, veio Benveniste. Sendo fortemente influenciada por Saussure, a Teoria da Enunciação criada por Benveniste, poderíamos pensar que *forma e sentido* são um espelho das relações *língua/fala* estabelecido por Saussure” (p.12). No entanto, logo em seguida, os autores desmentem essa afirmação e fazem um apanhado das reflexões benvenistianas sobre forma e sentido e sua relação com os níveis da análise lingüística já mencionada na introdução desse trabalho e que será melhor explorada na próxima sessão do mesmo.

¹ Aqui é pertinente lembrar que o *Curso de lingüística Geral* não traz a palavra estrutura entre seus textos. O termo utilizado por Saussure foi sempre Sistema. Como muito bem lembra Barbisan e Flores (2009): “Certamente que a teoria Saussuriana foi determinante para a instauração do estruturalismo, mas o termo utilizado por Saussure foi mesmo *sistema*. A palavra *estrutura* veio a ser usada apenas no final da década seguinte, mais especificamente, nas teses formuladas no congresso internacional de lingüística de Haia pelos s Roman Jakobson e Nicolas Troubetzkoy.”(p. 8)

No já referido texto intitulado *Saussure-Benveniste*, Normand faz uma retomada de discursos² que já foram proferidos acerca dessa justa-posição cronológica a qual tomei a liberdade de tomá-la emprestada desde o início desse trabalho. Normand, no entanto, não se preocupa em filiar-se a um discurso pré-determinado, mas promete fazer uma relação nova que ela determina como relação de “encontros”.

Teremos ainda evidências desses encontros no capítulo “Alguns efeitos da teoria saussuriana sobre uma descrição semântica”, do mesmo livro. Ainda que não discorresse exclusivamente sobre a relação Saussure-Benveniste, nesse texto Normand suscita a reflexão em relação ao estudo de semântica na teoria de Saussure, preocupando-se em apresentar descrições semânticas guiadas pelos ensinamentos de Saussure que ela mesma publicou. Nesse caso, o que mais interessa ao presente estudo é o desafio a que Normand se dispõe a enfrentar que é o estudo não somente da teoria, mas também das reflexões diretamente ligadas à língua. Para tal desafio, Normand nomeia Benveniste como “Intercessor”. Ela atribui a ele a responsabilidade por uma de suas passagens entre a teoria e a análise lingüística. Nas palavras dela, “Benveniste foi uma delas [referindo-se às passagens], na medida em que ele pratica em suas análises da língua um método estritamente saussuriano.” (p. 100). Em meio às análises diversas (morfológicas, sintáticas, etc.) e textos teóricos feitos por Benveniste, Normand chega a afirmar que este é “mais saussuriano ainda que Saussure” (p.101).

Os autores Valdir Flores e Leci Barbisan, juntamente com Maria José Bocorny Finatto e Marlene Teixeira, ainda comentam na introdução de seu *Dicionário de Lingüística da Enunciação*, publicado em 2008, sobre as raízes saussurianas na teoria da enunciação.

Podemos observar também o texto “Saussure, Benveniste e a teoria do valor: Do valor do Homem na Língua”, de 2009, onde Flores e Teixeira fazem um estudo relacionando a teoria de *valor* apresentada no *Curso de Lingüística Geral* e a teoria da enunciação de Émile Benveniste, buscando observar até que ponto Benveniste leu a teoria de *valor* e como ele contribuiu para o desenvolvimento desse conceito nos estudos lingüísticos.

Por fim, será mencionado o trabalho desenvolvido por Stumpf (2008) intitulado: “Saussure e Benveniste: ultrapassagem ou rompimento”; onde a autora propõe a problemática

² Discursos esses, segundo Flores e Teixeira 2009: “a) O discurso da filiação, da transmissão, da escola; b) O discurso da novidade; c) O discurso da comparação; d) O discurso em relação à interdisciplinaridade; e) O discurso em relação à instituição universitária.”

“Benveniste rompe com o paradigma iniciado por Saussure ou apenas ultrapassa-o em alguns pontos da teoria, conservando-o em outros?”.

Contudo, sabe-se que a ligação entre Saussure e Benveniste não segue uma linha de unanimidade. Além daqueles que admitem Benveniste como um “ultrapassador” da obra de Saussure, tem-se aqueles que defendem a idéia de que Benveniste foi apenas um discípulo que leu bem seu mestre, como por exemplo, a proposta de Simon Bouquet. Ele diz: “Émile Benveniste que, sem ter lido os textos originais saussurianos, é um intérprete fiel do pensamento do lingüista genebrino.” (Bouquet apud Flores; Teixeira, 2009, p.77).

A seguir, poderemos contemplar com mais detalhes o que pensa cada um dos revisores citados acima.

1.2 Afirmações das raízes saussurianas em Émile Benveniste

Após a seleção de alguns comentadores sobre o tema Saussure-Benveniste, é oportuno que se faça uma revisão mais atenta sobre que pontos na obra dos dois lingüistas são evidenciados no que diz respeito a essa relação. É de Claudine Normand (2009b) a justaposição de nomes que ela decidiu fazer, respeitando a cronologia de vivência dos nossos objetos de estudo. Conforme já mencionado, nesse texto belíssimo de apresentação de Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, Normand apresenta cinco discursos em que podem ser tranquilamente referidos àqueles que têm algo a dizer sobre o tema. São eles:

- a) Filiação: Normand define essa perspectiva como a que reconhece que “Saussure gerou Benveniste” (p. 197). Aqui, coloca-se Saussure e Benveniste, mesmo presentes em dois processos históricos diferentes, como “pais” do estruturalismo. Discurso esse que admite “o segundo como um dos responsáveis por propagar e esclarecer o primeiro” (p. 197). Nesse ponto de vista, Benveniste é encarado como um defensor de Saussure. Aquele que bebe na fonte e desenvolve análises próprias que são fundamentadas em Saussure, mas que não se limita a elas.
- b) Novidade: Aqui, Benveniste aparece aos lingüistas como o “redentor” das limitações das teorias saussurianas. Esse traz à teoria o âmbito do discurso e aproxima a lingüística a outras ciências do conhecimento como a psicologia e a

pragmática, como aponta a autora. Conclui Normand que Benveniste propõe, então, “Uma lingüística diferente” (p. 197).

- c) Comparação: Dentre desse discurso, defende-se que Saussure deixou organizado todos os princípios necessários, assim como o tema e o método. Coube, assim, a Benveniste colocar em prática nas suas análises os ensinamentos de seu mestre. Admite-se, por fim, que “Benveniste é o mais saussurianos entre os lingüistas, ele permitiu, a partir de Saussure, o estabelecimento de uma lingüística da significação...” (p. 197).
- d) Relação com a interdisciplinaridade: Apresentando a relação que Saussure teve com outras ciências, como a Filosofia, o que era necessário para a execução de seu projeto. E a relação de Benveniste e suas falas destinadas a sociólogos, filósofos e até psicanalistas.
- e) Relação com a instituição universitária: Onde temos a retomada do reconhecimento que ambos tiveram na academia e sua consagração atestada por títulos, publicações e cargos.

Contudo, Normand se preocupa em falar de uma nova relação: a relação de encontro entre os dois. Nesse momento, cabe ressaltar que Benveniste não teve acesso aos textos de Saussure que estão tão em voga nos estudos de hoje, como os manuscritos do mestre. É a partir somente da leitura do *Curso de Lingüística Geral*, lançado a partir das anotações dos alunos de Saussure, que Benveniste constrói sua própria teoria.

Normand ainda aponta a indispensável presença dos dois para aqueles que se interessam pela lingüística. Ambos se preocupam com a língua; não somente em descrevê-la, mas pensar sobre ela. Sobre suas diferenças, aponta ela, Benveniste não diz muito, mas ela reforça que o encontro dos dois diz respeito “somente à inteligência e ao amor, que lhes é comum, pela língua.” (Normand, 2009b, p 201).

No segundo texto previamente mencionado de Normand, “Alguns Efeitos da teoria saussuriana sobre uma descrição semântica”, a autora se dispõe a fazer um apanhado de seus estudos sobre semântica que tem base em Saussure e, logo de início, esclarece que, apesar de já ter a possibilidade de pesquisar as novas publicações do mestre, os estudos que serão apresentados têm sua fonte no *Curso de Lingüística Geral*. Apesar de estar sendo bastante menosprezado por ter sido apenas uma “adaptação” do trabalho de Saussure, Normand considera importante continuar o contato com aquela que foi a obra inovadora de sua época, que tanto surpreendeu e deu esperanças aos lingüistas com sua descoberta nos anos 60.

Saussure é considerado novo a partir do momento em que apresenta a língua como um *sistema de valores* que, como é salientado, poucos de seus contemporâneos haviam percebido. É inevitável o reconhecimento de que foi através das leituras do *CLG* que os seguidores de Saussure puderam estabelecer as referências para o estruturalismo. Quando decidida a passar a estudar também a língua, além de seus estudos exclusivamente teóricos, Normand tem em Benveniste um de seus motivadores. Ela reconhece em Benveniste a capacidade do lingüista em fazer análises diversas, quer sejam de descrições sintáticas ou análises morfológicas, de trazer a estrutura formal de cada caso e a diferença que essas estruturas causam na definição de sentido de cada uma.

Segundo a autora:

A combinação de descrições empíricas e de generalidades teóricas lembrando os princípios saussurianos compunha uma voz singular no que, o estruturalismo ou gerativismo – e igualmente a pragmática – se propunha como pesquisa lingüística. Ele retomava e desenvolvia o cerne da teoria saussuriana, a língua como ligação de forma e sentido a ser captada em diferenças; ele permitia sair de uma interpretação estruturalista de Saussure para ver no *CLG* uma teoria lingüística da significação. (Normand, 2009a, p. 101)

A partir dessa fala da autora é possível observar uma tentativa bem sucedida na leitura de Benveniste em relação a Saussure. Colocam-se em evidência dois pontos defendidos por ambos os autores: o sistema, pelo lado de Saussure, e o uso do sistema, para as análises de Benveniste. Mas o crucial é que a estrutura, que autores posteriores atribuem a Saussure conforme já mencionado, deixa de ser apenas utilizada para uma análise de reconhecimento ou descrição para ser valorizada para fins de interpretação. Benveniste usa as diferenças entre as estruturas formais para reconhecer o sentido global de cada uma delas; trazendo também, a meu ver, a definição de *valor* que propõe Saussure: o valor e a diferença como motivadores do sentido.

Outro ponto que é atribuído a essa relação Saussure-Benveniste está na aproximação na reflexão acerca dos conceitos *língua e fala*, de Saussure, e *forma e sentido*, na proposta de

Benveniste. O que pode ser visto ingenuamente como sendo a segunda uma representação da primeira, é um erro ao qual advertem Barbisan e Flores (2009):

[...] poderíamos pensar que *forma* e *sentido* são um espelho das relações *língua/fala*, estabelecidos por Saussure. Ao se abordar o capítulo “A forma e o sentido na linguagem” de *Problemas de Lingüística Geral*, volume II, de 1966, decorrente de uma comunicação a filósofos, que analisa detidamente *forma* e *sentido*, percebe-se o engano. (p.12)

Para que se desfça esse equívoco de simples relação de *espelho*, ainda que o foco do presente trabalho não sejam as reflexões estritamente saussurianas, faz-se oportuno a consideração das definições de *língua* e *fala*, aqui postuladas pela leitura de Barbisan e Flores (2009):

[...] A *língua* tem definição autônoma, é vista como sistema, é norma para todas as manifestações da linguagem, portanto, pode ser estudada cientificamente. A *língua* é só uma parte da linguagem, é seu produto social e, como tal, é compartilhada pela comunidade de fala por meio de um contrato que se estabelece entre seus membros; é o *produto que o indivíduo registra passivamente* por aprendizagem, é de natureza concreta.

A *fala* – outro aspecto da linguagem – é a utilização da *língua*, sua parte individual, de caráter criador e livre. É o acessório, o acidental na linguagem. [grifos do autor] (p. 10)

Apesar de privilegiar a *língua* como seu objeto de estudo, sabe-se que Saussure não desconsidera a *fala*. Ele apenas, considerando-a de caráter individual e específico, concede a ela o *status* de lingüística no que chamou de *lingüística da fala*. Nesse ponto, temos uma aproximação evidente do mestre com o discípulo. Benveniste, em sua leitura aprimorada da proposta de Saussure, pode ser visto como alguém que contempla também nas suas propostas lingüísticas essa lingüística da fala³. Não como um espelho, no que advertem Barbisan e

³ Importante observar que não é somente a lingüística da *fala* que será contemplada nas reflexões de Benveniste, mas também a da *língua*. Conforme aponta Barbisan e Flores (2009, p. 17): “A *enunciação* de Benveniste busca, poderíamos dizer, exatamente ser uma lingüística da linguagem, pois, ao incluir no seu escopo ambas, *língua* e *fala*, inclui também a linguagem.”

Flores, mas como alguém que, a partir do trabalho de Saussure, apresenta a novidade. Barbisan e Flores percorrem um caminho de retomada da proposta de Benveniste no texto “Os níveis da análise lingüística”, de *Problemas de Lingüística Geral*, volume I. Nesse texto, Benveniste inicia sua proposta esclarecendo a necessidade de o lingüista propor um “método de análise para a definição do fato lingüístico”. A esse método, Benveniste propõe que se torna essencial a noção de nível, conforme já apresentado na introdução desse trabalho. *Forma e sentido* são definidos em relação um ao outro e em relação aos níveis da linguagem. Diz Benveniste (2006a): “Forma e sentido só se definem um pelo outro e devem juntos se articular em toda a extensão da língua” (p.126).

A partir dessa preocupação metodológica, pode-se observar que Benveniste retoma a idéia de Saussure quando esse já preconizava a importância do ponto de vista para a definição do objeto de estudo. A linguagem, diferente de outras áreas da ciência, não tem seu objeto pré-estabelecido para análise, mas esse depende do ponto de vista que será eleito pelo lingüista. Contudo, diferente de Saussure, a definição de língua para Benveniste não está em oposição à fala, já que a língua, que se articula entre seus níveis, chega a seu ponto máximo – a frase, e é essa que colocada em ação será responsável pela conversão da língua em discurso, como define Benveniste: “*a frase*, último nível da análise, *é a própria linguagem em ação*” (2006a, p. 129). Assim, deixa-se o escopo exclusivo da língua para chegarmos ao domínio do discurso.

Para Barbisan e Flores (2009):

Observa-se igualmente, derivada do método, a definição de *língua*, não em oposição à *fala*, como propôs Saussure, mas a partir da noção mesma de *língua*, como *sistema de signos*. Estabelecendo níveis de análise e hierarquizando-os, em decorrência do último nível, Benveniste concebe a *língua* como instrumento de comunicação. *Aí começa a linguagem* (PLG I, p.131), afirma ele. (p. 14)

Daí observa-se que enquanto Saussure elege a língua como seu objeto de análise, Benveniste utiliza-se da abordagem formal, proposta por Saussure, e chega à instância do discurso atribuindo um lugar privilegiado ao sentido. Em uma última observação de Barbisan e Flores “ambos concebem duas lingüísticas separadas, embora seus caminhos (o das lingüísticas) se cruzem (PLG I, p. 130), como escreve Benveniste.” (p. 15)

Dessa reflexão, é importante ressaltar que a enunciação de Benveniste contempla e coloca em interdependência língua e fala. Enunciação, segundo ele, *é o ato de produzir o enunciado*. Assim, é pela *enunciação* que a *língua* se converte em *discurso*.

Temos ainda, na voz de Flores e Teixeira (2005), a defesa da existência da veiculação entre a dicotomia saussuriana *língua/fala* e a lingüística da enunciação; mas que, no entanto, não há uma identificação completa. Segundo eles “entre os autores do campo enunciativo, se vê um duplo movimento – de conservação e de alteração – em relação a Saussure.”

No capítulo de introdução do “Dicionário de lingüística da enunciação” (2008), os autores especificam quais os critérios que levaram a escolha dos autores que estarão presentes no dicionário, sendo que a primeira delas é: “a referência (continuidade ou ruptura) à dicotomia saussuriana *língua/fala* e, por ela, ao quadro sistêmico-estrutural.”(p.17) E, partindo dos conceitos saussurianos, eles admitem a possibilidade de fazer algumas reflexões sobre o papel que eles assumem nas teorias da enunciação⁴ e tomam como exemplo uma fala de Benveniste em relação a Saussure:

Quando Saussure introduziu a idéia de signo lingüístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua: não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. Compete-nos ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como significante. (BENVENISTE, 2006b, p.224).

Stumpf (2008) se propõe também a pesquisar sobre a ultrapassagem ou rompimento de Benveniste sobre Saussure, a autora faz um percurso epistemológico, preocupando-se em demonstrar como Saussure foi importante para a lingüística e, em seguida, como esse pode ser relacionado a Benveniste. Segundo ela: “Podemos pensar que Benveniste, mesmo tendo acesso apenas ao Curso de Lingüística Geral, soube lê-lo com uma sensibilidade que o fez perceber a inovação e a singularidade do pensamento saussuriano” (p. 3) .

⁴ No dicionário, os autores defendem o uso do sintagma “teorias da enunciação” para nomear, segundo eles, “o contexto deste dicionário, os diferentes construtos teórico-metodológicos que integram o campo” em contraponto à “lingüística da enunciação” como o termo que “nomeia o conjunto das teorias da enunciação – o que torna o seu uso próximo da idéia de “campo” – com a particularidade de enfatizar se tratar de teoria e análise lingüística.”.

Nessa abordagem, tem-se a intenção de contemplar a questão da significação. Stumpf apresenta a preocupação de Benveniste em estudar a significação; preocupação que ela acha origem em citações de Benveniste acerca do signo lingüístico. Segundo ela:

[...] a maneira como Benveniste relacionava-se com a tradição de ensinamentos cujo maior expoente é Ferdinand de Saussure. Ambas têm a mesma preocupação com o signo lingüístico, mas estão inseridas em artigos que tratam da problemática mais ampla da significação. (Stumpf, 2008, p. 3)

Essa abordagem da significação será desdobrada em dois domínios do estudo da língua (o semiótico e o semântico) que ela definirá por:

O semiótico diz respeito ao modo de significação do signo lingüístico e que o constitui como unidade, considerado em relação aos demais signos. O estudo semiótico deve identificar as unidades, descrever suas marcas distintivas, descobrindo os critérios sutis da distintividade. O que garante existência de um signo é seu reconhecimento como significante por uma comunidade lingüística.

Já o modo semântico diz respeito ao modo específico de significância engendrado pelo discurso, a língua na sua função de produtora de mensagens. O sentido é concebido globalmente e se divide em signos particulares (BENVENISTE, 2006, p. 65). O modo semântico traz o conjunto dos referentes e se relaciona com o universo do discurso. (Stumpf, 2008, p. 5)

É percorrendo essa revisão bibliográfica da obra de Benveniste, aqui apresentada de forma breve, que Stumpf se autoriza a concluir que:

[...] Através desse trajeto intra-teórico pela obra de Benveniste, ancorado nas reflexões de Claudine Normand, procuramos mostrar que é através de minuciosas e, por vezes, hesitantes, elaborações que Benveniste esclarece e desenvolve alguns pontos ainda obscuros da obra de Saussure, ao mesmo tempo em que cria sua reflexão singular sobre a questão da significação. (Stumpf, 2008, p. 7)

Ainda segundo a autora sobre a significação:

[...] A reformulação da significância da língua é vista em duas dimensões, a semiótica, que mantém a idéia de língua como sistema de signos, é incluída a dimensão semântica, que procura dar conta da língua em uso. Devemos ressaltar aqui que ambas as dimensões dizem respeito à língua: não se deve incorrer no erro de identificar a dimensão semântica ao domínio da fala em Saussure. (Stumpf, 2008, p. 8)

Mais uma vez é possível observar que Stumpf faz um belo trabalho de caráter epistemológico sobre a obra de Saussure e Benveniste e poderia ser incluída, seguindo os discursos descritos por Normand anteriormente, no discurso da novidade, uma vez que, na leitura de Stumpf, Benveniste faz uma leitura de Saussure, mas não se atém a isso e acaba com proponente de uma nova reflexão, que, no caso, se dá na questão da significação.

Por fim, e ainda buscando apresentar autores que corroboram para a aproximação Saussure-Benveniste, temos a fala de Flores e Teixeira (2009) que intencionam esboçar a relação entre a teoria de *valor* de Saussure e a teoria da enunciação de Benveniste. Eles demonstram no texto a intenção de definir epistemologicamente os efeitos de Saussure em Benveniste. Para eles: “Este texto tem apenas um objetivo: delinear os efeitos que o pensamento de Ferdinand de Saussure teve sobre a chamada teoria da enunciação de Émile Benveniste.” (p. 73).

No entanto, o que mais me chamou a atenção nessa proposta foi a utilização de referências trazidas de Simon Bouquet, que conforme já citado, vê em Benveniste apenas uma leitura *fiel* de Saussure. Bouquet traz um discurso de comparação entre os dois e diz: “... Émile Benveniste que, sem ter lido os textos originais saussurianos, é um intérprete fiel do pensamento do lingüista genebrino” (Bouquet *apud* Flores; Teixeira, 2009, p. 77). Nas palavras de Flores e Teixeira:

[...] Bouquet, nessa citação, responde a sua maneira nossa questão de base neste texto: a dicotomia semiótico/semântico é apenas a expressão da teoria saussuriana do valor *in absentia*. Em outras palavras: Benveniste nada criou;

tudo o que ele escreveu já estava em Saussure. Nem mesmo a propalada distinção semiótico/semântico pode ser atribuída a Benveniste; ele apenas soube ler bem o mestre. (Bouquet *apud* Flores; Teixeira, 2009, p. 77)

Por sua vez, Flores e Teixeira não se filiam ao discurso do rompimento, ou só releitura de Saussure, mas afirmam que Benveniste é responsável por uma criação nova. Para eles:

Para além de assumir, ou não, uma posição que defenderia, ou não, que Benveniste ‘foi além’ de Saussure, nosso propósito aqui foi de outra natureza. Tentamos mostrar como o encontro de Benveniste com Saussure foi responsável pela produção de algo novo. (Flores; Teixeira, 2009, p. 82)

Contudo, eles admitem que a novidade trazida por Benveniste é autorizada já pelas palavras do mestre genebrino uma vez que:

[...] Se Saussure concedia à língua um *status* de maior relevância, Benveniste coloca de novo a fala na ordem do dia. E é o próprio Saussure quem autoriza este olhar, ao conceber a língua e a fala como dois planos constituintes da linguagem. A idéia de conceber um lugar em que ambas estejam integradas já está em Saussure. (Flores; Teixeira, 2009, p. 82)

Após a apresentação de algumas das leituras que concordam com a relação Saussure-Benveniste, é possível concluir previamente que apesar de nem todas as opiniões estão em concordâncias sobre o assunto é impossível querer apartar dois dos maiores lingüistas de seus tempos em duas lingüísticas totalmente autônomas.

2 O QUE DIZ BENVENISTE SOBRE SAUSSURE?

Diante de tantas evidências esboçadas por lingüistas renomados e reconhecidos no campo de estudos enunciativos, fica claro que dizer que a obra de Émile Benveniste traz referências saussurianas é uma certeza já bem fundamentada. Assim, além de fazer uma pesquisa por algumas das bibliografias que tratam do tema, o presente trabalho propõe-se agora a procurar na própria obra de Benveniste, aqui representada pelo *Problemas de Lingüística Geral*, volumes I e II, quando e de que maneira ele faz referências a Saussure.

A principal obra de Émile Benveniste, *Problemas de Lingüística Geral*, foi publicada em dois volumes nos anos de 1966 e 1974, respectivamente. Ela foi dividida em seis partes que seguem a mesma ordem em ambos os volumes. São elas: Transformações da lingüística, a comunicação, estruturas e análises, funções sintáticas, o homem na língua e léxico e cultura. Nessas partes, Benveniste coloca as suas mais importantes análises e propostas de reflexões lingüísticas. Como bem observou Normand, nesses textos Benveniste é capaz de fazer uma leitura das referências lingüísticas que o precedem e colocar em prática muitas dessas teorias em análises que abarcam os diferentes níveis da linguagem, a exemplo do nível fonológico, morfológico e sintático.

2.1 Saussure através do *Problemas de Lingüística Geral I*

Visto que a primeira parte de ambos os volumes é destinada a pensar as transformações da lingüística, é ali que apareceram as maiores referências a Saussure. As reflexões iniciam discorrendo sobre as mudanças que a lingüística sofreu no início do século XX. Mudanças que vão desde preocupações com a descoberta sobre a origem das línguas e um trabalho de cunho diacrônico e histórico até o advento da lingüística saussuriana e as implicações que essa proposta teve sobre o campo de estudo. Benveniste atribui a Saussure uma ruptura com esse paradigma evolucionista da língua. Segundo ele:

A novidade do enfoque saussuriano, que foi um dos que agiram mais profundamente, consistiu em tomar consciência de que a linguagem em si

mesma não comporta nenhuma outra dimensão histórica, de que é sincronia e estrutura, e de que só funciona em virtude de sua natureza simbólica. (Benveniste, 2006a, p.5).

A isso Benveniste refere-se ao fato de que não é o tempo o motivador da evolução e sim de que deveriam ser considerados os quadros sincrônicos da língua. Ele também defende que a razão da mudança na língua está “de um lado, na natureza dos elementos que a compõem em um determinado momento, de outro lado nas relações de estrutura entre esses elementos.” (Benveniste, 2006a p. 5). Aqui Benveniste já postula um dos pilares da sua teoria que se fundamentará na questão da *significação*; e essa só virá a existir com a reflexão da relação entre os elementos da língua conforme ele refere em: “restabelece-se então a diacronia na sua legitimidade, enquanto sucessão de sincronias. Isso ressalta já a importância primordial da noção de sistema e da *solidariedade entre todos os elementos da língua*.” [grifo meu]. (Benveniste, 2006a, p.5)

A primeira vez que Benveniste cita explicitamente o trabalho de Saussure se dá quando ele trata da importância da definição de um objeto para o estudo da lingüística; e assim reconhece a influência que teve Saussure. Diz ele:

[...]Cours de linguistique générale de Saussure (1916), livro póstumo redigido a partir de apontamentos de alunos, conjunto de exposições geniais, cada uma das quais pede uma exegese e algumas das quais alimentam ainda a controvérsia, projetando a língua sobre os planos de uma semiologia universal, abrindo visões para as quais o pensamento filosófico de hoje apenas desperta (Benveniste, 2006a, p.7).

Percebe-se nesse trecho que Benveniste reconhecia admirado o trabalho feito por Saussure, que no início do século já tinha acepções que muito tempo depois ainda estavam apenas sendo “despertadas” pelo pensamento filosófico.

No segundo capítulo do *PLG I, vista d’olhos sobre o desenvolvimento da lingüística*, de 1963, Benveniste continua seu trabalho de questionar a revolução pela qual a lingüística tinha passado e novamente atribui a Saussure a motivação para essa mudança. Foi através de debates inspirados pelo *CLG* que os lingüistas de sua época entenderam que não mais deviam descrever a língua através de pressupostos históricos, mas “estudar e descrever por meio de

uma técnica adequada a realidade lingüística atual [...] que deverá ser sincrônica, e analisar a língua nos seus elementos formais próprios.” (Benveniste, 2006a, p. 21).

Para constituí-la ciência, Saussure teve de abandonar muitos dos pressupostos fundamentais da lingüística, como a busca pela “língua-mãe” e o constante trabalho de comparação entre as línguas. Ela passa a não ser analisada a partir de teorias que privilegiam a filosofia da linguagem ou a evolução. A língua deve ser encarada enquanto sua realidade formal e sistemática. Para ele:

Quando os lingüistas começaram, a exemplo de Saussure, a encarar a língua por si mesma e por ela mesma, reconheceram esse princípio que se tornaria o princípio fundamental da lingüística moderna: a língua forma um *sistema* [...] Da base ao topo, desde os sons até as complexas formas de expressão, a língua é um arranjo sistemático de partes. Compõe-se de elementos formais articulados em combinações variáveis, segundo certos princípios de estrutura [grifos do autor] (Benveniste, 2006a, p.22)

Nesses textos iniciais de afirmação da constituição da lingüística como ciência, além das referências diretas a Saussure, Benveniste faz uso de muitos dos pressupostos teóricos que Saussure traz no *CLG* para explicar como se darão as relações entre as formas estruturais da língua e para defender que a língua deve ser entendida não como algo que signifique em si, mas sempre em interdependência com o conjunto do sistema. Como, por exemplo, a consideração da língua como constituída através de dois planos – sintagmático e paradigmático, que Benveniste define por “*sintagmático*, quando se encaram nas suas relações de sucessão material no seio da cadeia falada e *paradigmático*, quando se propõe em razão de possível substituição” [grifos do autor] (Benveniste, 2006a, p.23).

Contudo, a maior prova do reconhecimento sobre o trabalho de Saussure se dá no capítulo “Saussure após meio século”, no qual Benveniste abre afirmando que não há lingüista que não seja de alguma forma devedor de Saussure. Em suas palavras:

Não há uma só teoria geral que não mencione o seu nome. Algum mistério envolve sua vida humana, que cedo se retirou para o silêncio. É da obra que trataremos. A uma tal obra apenas convém o elogio que a explica na sua gênese e faz compreender seu brilho[...] (Benveniste, 2006a, p.34)

Benveniste chama Saussure de “O Criador” e aquele que foi direto a busca dos dados elementares da língua, fugindo do ideal comparatista que permeava sua época. Nesse texto, é percorrido um caminho histórico sobre a vida de Saussure, que só foi reconhecido após sua morte e que influenciaria as reflexões lingüísticas dos anos 60. Essas não são relações diretas entre a proposta teórica de Benveniste e a obra de Saussure, mas são referências, que como afirma o próprio Benveniste, transformaram o que viria depois dele, e por conseqüência, a própria obra de Benveniste.

Também é referenciada a obra “Mémoire sur Le système primitiv dès voyelles dans lês langues indo-européennes”, de 1976, que Saussure publicou quando tinha apenas 21 anos. Na ocasião, intencionando estudar as múltiplas formas do *a* indo-europeu, Saussure acabou sentindo a necessidade de estudar também o conjunto dos sistemas das vogais e, por fim, uma série de implicações fonéticas e morfológicas. Esse estudo inicial de Saussure, a meu ver, pode ser relacionado à proposta de Benveniste em seu texto “os níveis da análise lingüística”, em que Benveniste afirma não ser possível estudar um nível da linguagem sem relacioná-lo com os outros e, assim, cada modificação de um dos níveis implicará, automaticamente, na modificação dos seus pares.

[...] a transição de um nível ao seguinte põe em jogo propriedades singulares e desapercibidas. Pelo fato de serem discretas, as entidades lingüísticas admitem duas espécies de relação: entre elementos de mesmo nível ou entre elementos de níveis diferentes (Benveniste, 2006a, p.133).

Saussure, ainda muito no início de seus estudos, parece ter uma reflexão bastante similar quando reconhece que estudar apenas o *a* indo-europeu não seria suficiente para o seu estudo e parte de um nível menor até seus superiores a fim de encontrar suas conclusões.

No entanto, sabe-se que os estudos de Saussure não foram bem recebidos por seus contemporâneos e ele é levado à França onde encontra pares dispostos a ouvi-lo. Saussure enfrenta um mundo que, talvez, ainda não estivesse preparado para receber suas reflexões e, mesmo diante de frustrações pessoais, o levariam a ser um marco na história da lingüística. Como afirma Benveniste (2006a): “As dificuldades contra as quais se choca a sua reflexão forçá-lo-ão a forjar as novas dimensões que ordenarão os fatos da linguagem.” (p. 41)

A “Natureza do Signo Lingüístico”, de 1939, é o primeiro capítulo de Benveniste que contempla às relações de sua teoria com a teoria proposta por Saussure. Benveniste faz um

apanhado sobre o que ele considera ser a constituição do signo lingüístico. Nessa reflexão, temos um primeiro desacordo entre os ensinamentos do mestre e o que considera Benveniste na questão da arbitrariedade do signo. Esse retoma uma clássica afirmação daquele: “O signo lingüístico é arbitrário”, ou seja, o significante e o significado não teriam correspondência motivada. Para tal reflexão, faz-se necessário uma atenção maior sobre essas definições propostas por Saussure e como elas serão lidas por Benveniste.

Define-se, no *Curso de Lingüística Geral*, que signo é a união de um significante, ou seja, uma imagem acústica, com um conceito, uma definição. Assim, segundo a leitura de Benveniste sobre Saussure, não haveria ligação alguma interna entre a seqüência de sons de uma palavra, [kaza], por exemplo, e o conceito de casa que conhecemos. Isso nos levaria a pensar que esse mesmo conceito poderia ser representado por qualquer outra seqüência de sons. Entretanto, observa Benveniste, que essa definição de arbitrariedade se daria muito mais por uma análise que considera um terceiro elemento que não mais só o significante e o significado formal, mas a substância, a própria realidade que é representada por eles. Benveniste lembra palavras do próprio Saussure quando diz que língua é forma e não substância, e, por isso, afirmará que não existe arbitrariedade entre o significante e o significado, muito pelo contrário, eles são *necessários* um ao outro. Segundo Benveniste:

Assim quanto ao signo lingüístico. Um dos componentes do signo, a imagem acústica, constitui o seu significante; a outra, o conceito, é o seu significado. Entre o significante e o significado, o laço não é arbitrário; pelo contrário, é *necessário*. [grifo do autor] (Benveniste, 2006a, p.55).

Ele refere-se à apropriação que se dá dos signos pelos falantes e que não há possibilidade de apropriar separadamente os dois conceitos de significante e significado. Os dois se dão de uma mesma vez, da mesma maneira e são indivisíveis. Ele ainda dá ao próprio Saussure o crédito de não admitir a divisão entre significado e significante quando esse os compara a duas faces de uma folha de papel, onde não é possível cortar um lado sem atingir o outro.

Ainda que pareça que Benveniste rompa com o pensamento de Saussure no que diz respeito à arbitrariedade, essa idéia não se confirma uma verdade já que Benveniste acredita na zona do arbitrário, mas a levará para outro ponto da linguagem. O que ele chama de arbitrário será o fato de que é um signo, e não outro, que refere a uma determinada substância

no mundo e, por conseqüência, também não a outra. Contudo, ele ainda reforça que essa não é uma resposta para o problema da arbitrariedade, mas uma forma de afastá-lo provisoriamente. Benveniste ainda conclui que “o que Saussure demonstra permanece verdadeiro, mas a respeito da *significação*, não do signo.” [grifo do autor] (Benveniste, 2006a, p. 58). Nesse caso de relação entre os dois autores, observamos claramente uma releitura criativa feita por Benveniste da proposta de Saussure. Ele não só apenas reinterpreta o que disse o mestre, mas propõe uma novidade, ou um foco diferente para o que Saussure estabeleceu; e isso tudo é feito respeitando uma das máximas do lingüista fundador: *a língua como um sistema de signos* que deve ser analisado como um sistema formal em intra-relação.

Por fim, ainda no volume I do *Problema de Lingüística Geral*, Benveniste trata de estrutura, dedicando um capítulo de seu livro para analisar as raízes estruturalistas na obra de Saussure. É sabido que não é de Saussure o termo *estrutura*, mas que é a ele que se atribuem as considerações sobre o estruturalismo. Benveniste faz uma retomada dos princípios da estrutura lingüística relacionando-a com a noção de sistema defendida por Saussure.

Sistema para Saussure significa a união dos elementos da língua que só se definem pelo todo. Segundo citações apresentadas por Benveniste: “A língua é um sistema do qual todas as partes podem e devem ser consideradas na sua solidariedade sincrônica” (Saussure apud Benveniste, 2006a, p.98), além de que:

[...] é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de um certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema de que faz parte; seria crer que se pode começar pelos termos e construir o sistema somando-os, quando ao contrário é do todo solidário que é preciso partir para obter por análise os elementos que ele encerra” (Saussure apud Benveniste, 2006a, p.99).

Essa discussão sobre a interdependência dos termos no sistema já vem sendo observada desde o início desta análise e é essa solidariedade que Benveniste lerá como *estrutura*. Assim, para ele: “trata-se, pois, propondo-se a língua como sistema, de analisar-lhe a *estrutura*” [grifos do autor] (Benveniste, 2006a, p. 102)

2.2 Saussure através do *Problemas de Lingüística Geral II*

O segundo volume do *Curso de Lingüística Geral* foi publicado sob a supervisão de Benveniste e é composto por 20 estudos que o autor fez após 1964, sendo que os primeiros compõem-se de entrevistas. Na primeira dessas entrevistas, chamada de *Estruturalismo e Lingüística*, que foi concedida a Pierre Daix em julho de 1968, Benveniste é questionado sobre sua iniciação enquanto linguística e, nessa oportunidade, atribui a Antoine Meillet o lugar de seu primeiro mestre. No entanto, ele confirma que foi através de Meillet que teve seu contato com os ensinamentos de Saussure. Diz ele sobre seus estudos de gramática comparada feitos com Meillet: “É necessário aqui voltar um pouco antes, porque, através dele (Meillet), foram os ensinamentos de Ferdinand de Saussure em Paris que foram em parte transmitidos aos discípulos de Meillet.” (Benveniste, 2006b, p.11)

Benveniste mais uma vez faz um apanhado da história de Saussure e da importância que esse teve para a fundação da linguística com o campo de estudos que conheciam. Ele também lembra constantemente que os estudos de Saussure, contemporaneamente a esse, não eram considerados na sua real significância, como podemos observar na seguinte fala:

Eis de alguma forma os dois pólos da linguística nos primeiros anos deste século. Quanto a Saussure, não se lia quase nada dele. Ele tinha voltado a Genebra. Ele se tinha quase imediatamente fechado no silêncio. Vocês conhecem, não é mesmo, esta história. *É o homem que agiu sobretudo depois de sua morte. [grifo meu]* (Benveniste, 2006b, p.14)

Na segunda entrevista publicada nesse volume do *PLG*, intitulada *Essa linguagem que faz história*, recolhida por Guy Dumur no final de 1968, Benveniste é questionado sobre o que seria essa *lingüística* de que tanto falava e faz novamente uma retomada cronológica iniciada em Saussure. Apesar de parecer uma repetição do que já havia sido mencionado, é importante ressaltar que Benveniste apresenta nesses textos diferentes perspectivas e pontos de análise sob a contribuição dos estudiosos, em especial Saussure, para o início dessa nova ciência. Nessa abordagem, Benveniste se refere a Saussure como aquele que foi *um outro tipo de começo*. Para ele: “Saussure, ele não é o começo, ele é outra coisa, ou é um outro tipo de

começo. Sua contribuição consiste nisto: ‘A linguagem, diz ele, é a forma, não substância’” (Benveniste, 2006b,p.31).

Aqui é possível, também, relacionar essa diferenciação entre forma e substância com o estudo já apresentado sobre a arbitrariedade do signo, onde Benveniste difere de Saussure na concepção do que deve ser considerado arbitrário. Benveniste defende que, sendo a língua forma e não substância, não podemos considerar arbitrariedade entre o significado e o significante de seus signos, visto que nenhum diz diretamente do real e que eles são referentes a simbolização do real (da substância); e esse não deve ser o objeto de estudo da lingüística.

Além de estabelecer a língua como um sistema de signos que é objeto da lingüística, Saussure também desenvolveu uma reflexão sobre qual seria o lugar da lingüística em relação à semiologia enquanto ciência dos sistemas de signos. No entanto, é possível observar uma não completude nesse estudo, conforme aponta Benveniste.

Saussure compara a língua com outros sistemas de signos como as formas de polidez e os sinais militares, entre outros, o que desagrade Benveniste quando esse vê a língua como um sistema muito maior e mais significativo do que os acima citados. Segundo ele:

Os ritos simbólicos, as formas de polidez são sistemas autônomos? Pode-se realmente colocados no mesmo plano que a língua? Eles não se sustentam sobre uma relação semiológica senão por intermédio de um discurso: o “mito”, que acompanha o “rito”; o protocolo que regula as formas de polidez. Estes signos, para nascerem e se estabelecerem como sistema, supõem a língua, que os produz e os interpreta. (Benveniste, 2006b, p.51)

Assim, ele conclui que esses signos são de outra ordem e que, respeitando uma hierarquia, é a relação entre esses sistemas de signos que constituirá o objeto da semiologia. Definida por Saussure como uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social, a semiologia está diretamente ligada a outras ciências humanas, a que Benveniste, por sua vez, faz uma leitura bastante apurada dessa relação a ponto de dizer que somente a língua tornará possível a sociedade.

Ainda com a preocupação de diferenciar a língua dos outros sistemas de signos, Benveniste aponta a língua como um sistema que se articula em duas dimensões, a dimensão da semiótica e da semântica. São essas duas dimensões que constituíram a significância da língua. Se por um lado temos o semiótico como “separado e independente de toda referência”

(Benveniste, 2006b, p.65), a semântica “se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso” (Benveniste, 2006b, p66). Assim sendo, a língua é apontada como o único sistema que possui essa dupla articulação enquanto os outros sistemas podem se estabelecer em via única de semiótica (a exemplo dos gestos de cortesia) ou de semântica (como as expressões artísticas).

Saussure define a língua como pertencente à semiologia, mas o faz separando da fala que é por ele considerada como da ordem do individual e do imprevisível. Benveniste, ao trazer a semântica para a análise da língua, traz junto com ela a ordem do indivíduo e assim a ordem do discurso. Quanto a essa nova aceção ele diz:

É preciso desde já admitir que a língua comporta dois domínios distintos, cada um dos quais exige seu próprio aparelho conceptual. Para o que denominamos semiótico, a teoria saussuriana do signo lingüístico servirá de base à pesquisa. O domínio semântico, ao contrário, deve ser reconhecido como separado. Ele precisará de um aparelho novo de conceitos e de definições. (Benveniste, 2006b, p.67)

Benveniste ainda conclui que é “necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único, do qual dependeria simultaneamente a estrutura e o funcionamento da língua” e propõe uma ultrapassagem que abarque o discurso na significação, designando o signo à ordem do semiótico e o discurso à ordem do semântico. A isso ele chama de “semiologia de ‘segunda geração’, cujos instrumentos e o método poderão também concorrer para o desenvolvimento das outras ramificações da semiologia geral” (Benveniste, 2006b, p.67)

Ainda no que tange a discussão sobre a significação da língua, Benveniste apresenta uma proposta sobre *a forma e o sentido na linguagem* em uma conferência destinada a filósofos em 1966. Nessa oportunidade, ele enfatiza que o aspecto mais importante da língua é a capacidade de significar no mundo, mas que, no entanto, não há consenso entre os lingüistas sobre o que diz respeito ao sentido na linguagem.

Para entender significação, Benveniste faz uma retomada na noção de signo trazida por Saussure. Contudo, ele esclarece que Saussure, apesar de ter imaginado ter dito tudo sobre a natureza da língua quando falou do signo lingüístico, não o fez suficiente. Segundo ele: “Compete-nos tentar ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante” (Benveniste, 2006b, p. 224). Signo para Saussure, como já foi visto, é a

unidade dotada de duas faces, o significado e o significante, e que constitui o sistema da língua. Benveniste aponta o signo como o limite para entender a significação. Signo é a unidade que possui significação livre, que não pode ser decomposto sem perder o sentido no sistema reconhecido pelos falantes de uma língua e que “é a totalidade destes signos que forma a totalidade da língua” (Benveniste, 2006b, p.227).

Aqui Benveniste (2006b) também faz uma nova leitura dessa bipartição do signo. Segundo ele, o significante é “a forma sonora que condiciona e determina o significado” (p.225); assim como o significado poderia ser encarado como a capacidade do signo de ser reconhecido como possuidor de sentido pela comunidade que faz uso dele. “No plano do significado, o critério é: isto significa ou não? Significar é ter sentido, nada mais” (p.227). Pensando dessa maneira, poder-se-ia facilmente interpretar a proposição forma e sentido como espelhamentos dos conceitos de significante e significado. Contudo, Benveniste, como se propôs, vai além de Saussure do que diz respeito ao reconhecimento do escopo de alcance do signo. Benveniste sai do signo para chegar ao discurso e isso se dará através de frases. Ele ainda adverte:

Contrariamente à idéia de que a frase possa constituir um signo no sentido saussuriano, ou que se possa por simples adição ou extensão do signo passar à proposição e depois aos diversos tipos de construções sintáticas, pensamos que o signo e a frase são dois mundos distintos e que exigem descrições distintas. (Benveniste, 2006b, p.228)

Ele deixa claro não serem as distinções preconizadas por Saussure entre língua e fala. Para Benveniste “há duas maneiras de ser língua no sentido e na forma” (p.229): uma delas se dará no que tange à semiótica e a outra à semântica. Segundo ele: “as duas modalidades fundamentais da função lingüística, aquela de significar para a semiótica, aquela de comunicar para a semântica.” (p.229).

Quando traz o mundo do discurso para o estudo da lingüística, Benveniste também o define através da forma e do sentido e é essa concepção que pode ser considerada inovadora na obra desse autor. Ao contrário do signo semiótico que existe em si, a frase implicará referência ao exterior e a situação do discurso. A forma da frase (na acepção semântica) se dará pelo agenciamento de suas unidades, que no caso são as palavras, e só a partir daí poderá encontrar o seu sentido. O sentido, por sua vez, deverá estar sempre ligado ao “aqui agora” da

cena enunciativa e respeitando o presente e a instância de cada locutor que fará as escolhas formais. Nas palavras de Benveniste (2006b):

O sentido da frase é de fato a idéia que ela exprime; este sentido se realiza formalmente na língua pela escolha, pelo agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas exercem umas sobre as outras. (p, 230).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se desenvolver neste estudo uma revisão bibliográfica sobre as referências a Ferdinand de Saussure que estão presente na obra de Émile Benveniste. Faz-se oportuno ressaltar que esse trabalho é de caráter experimental e teve a intenção de propor uma análise sintética e inicial sobre o assunto. Para tanto, fez-se, primeiramente, um apanhado de autores no campo da lingüística da enunciação que já demonstraram preocupação sobre a ligação entre os dois lingüistas, de forma a introduzir a proposta para a análise na obra foco, a saber, os dois volumes do *Problemas de Lingüística Geral* de Émile Benveniste.

Sabe-se que essa não é uma reflexão inovadora, mas acredito que a discordância entre os autores apresentados no que diz respeito à amplitude da influencia que Saussure teve em Benveniste dá abertura suficiente para que novos estudos sejam feitos, não somente no meu presente trabalho, mas em outros que possam se seguir. Conforme apresentado na introdução do *Dicionário de Lingüística da Enunciação*, o campo da lingüística da enunciação é um campo produtivo e que tem merecido atenção entre os pesquisadores brasileiros. Assim, pesquisar sobre as raízes de um dos autores mais expressivos da área é também uma tentativa de ampliar as possibilidades de interpretação e aplicabilidade das análises de seus textos e contribuir metodologicamente com o campo de estudo.

Tendo em mente o objetivo inicial do trabalho – a observação da relação Saussure Benveniste, conclui-se que esses dois autores estão intrinsecamente ligados, seja pelas suas propostas teóricas, seja por seus históricos de trabalho. Saussure foi o responsável pela contemplação da lingüística de uma maneira íntima e sistêmica que atinge a todos os que se propuseram a estudá-la desde então. Ele foi o responsável pela abordagem que deu à lingüística um objeto que se permite ser analisado na ordem da regularidade e, assim, alçar a lingüística ao status de ciência. Quando Saussure defendeu que a língua, em contraponto à fala, deveria ser reconhecida como o sistema de signos que regularia a linguagem humana, e, que ela deveria ser o objeto de atenção dos lingüistas, ele não só deu um horizonte novo para os interessados, como abriu margem para que outras leituras e inserções teóricas fossem feitas ao seu estudo. Nesse ponto, encontramos Benveniste.

A teoria da enunciação de Émile Benveniste tem um de seus principais pontos no reconhecimento das marcas do sujeito no discurso enunciado. É o homem na língua que interessará a Benveniste, assim como a efemeridade e irrepitibilidade do ato enunciativo.

Benveniste traz a tona um estudo que coloca o discurso produzido por um sujeito em um determinado tempo e espaço em foco. Ele coloca a língua sistemática, proposta por Saussure, em relação ao homem e ao uso que esse fará dela. No entanto, Benveniste não se reduz a propor a lingüística da fala, antecipada por Saussure; ele contempla a língua e fala de Saussure em uma mesma proposta lingüística, visto que só se atinge uma através da outra. Além disso, Benveniste também se preocupa em evidenciar não só a forma lingüística, mas também a função da linguagem. Língua enquanto definidora do homem e da sociedade; linguagem como unidade fundadora. Segundo as palavras belíssimas dele:

[...] De fato é dentro da, e pela, língua que o indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sentiu sempre – e os poetas freqüentemente cantaram – o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu. (Benveniste, 2006a, p. 27)

Percebe-se, além disso, que Benveniste concorda com Saussure, e também que o reconheceu como mestre. Como exemplo, é de Saussure que Benveniste aceita a idéia de língua como um sistema que deve ser encarado na relação de seus componentes. A língua nunca está definida por si sem ter seus pares postos em contraste. São seus elementos que definirão uns aos outros. Assim como Benveniste, quando se propõe a estudar o sentido da linguagem, dirá que esse só será reconhecido quando tomadas as relações entre os níveis da mesma. Assim, é no construto global, e respeitando a instância enunciativa, que teremos o entendimento e sentido dos enunciados e/ou de suas partes.

Não obstante, foi possível também perceber que Benveniste se coloca no lugar daquele que vai além do mestre. Ele mesmo fala dessa necessidade e a expõe claramente quando faz o movimento ao reconhecer a legitimidade da arbitrariedade do signo lingüístico, mas discordar de qual faceta do signo deve ser considerada arbitrária. Benveniste fala do equívoco que Saussure teria cometido quando pensou ser o significado e significante os responsáveis por tal conceito.

Assim, observadas as considerações que unem e distanciam esses dois ícones na história da lingüística, acredito que a conclusão desse trabalho não poderia ser simplesmente uma resposta que desmistificasse o elo entre os Saussure e Benveniste. Acredito que Benveniste deve a Saussure assim como todos os outros lingüistas que se sucederam ao

mestre fundador. Penso que Benveniste fez uma leitura aprimorada e particular dos ensinamentos descobertos no *Curso de Lingüística Geral*, mas não se deixou limitar apenas por essas reflexões. Ele traz um ponto de vista novo não só sobre o que Saussure propôs, mas um ponto de vista novo sobre a lingüística como essa era conhecida. Uma lingüística que passa a considerar a singularidade enunciativa; a considerar o sujeito em suas análises; o instante da produção; o “aqui-agora” de cada ato; o outro na relação intersubjetiva, assim como a rede de relações a que serve a linguagem.

Se Benveniste atribui a Saussure o lugar de “um outro tipo de começo”, a leitura que ele faz desse não deve ser reduzida à simples cópia ou ultrapassagem. Benveniste é também responsável por um outro tipo de filiação, do tipo que reconfigura a influência já que, uma vez lançado esse olhar diferente, o objeto inicial nunca mais será o mesmo. Ele desconstrói e reconstrói simultaneamente a lingüística que fora proposta por Saussure. Ele busca a essência para atualizá-la de forma a singularizar o aspecto significativo da linguagem.

BIBLIOGRAFIA

BARBISAN, L.; FLORES, F.. Sobre Saussure, Benveniste e outras histórias da linguística. In: NORMAND, C. *Convite à lingüística* São Paulo, Contexto, 2009.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006a.

BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral II*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006b.

FLORES, Valdir; TEIXEIRA, M.. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, Valdir; TEIXEIRA, M.. *Saussure, Benveniste e a Teoria do Valor: do Valor e do Homem na Língua*. Letras & Letras (UFU), v. 1, p. 73-84, 2009.

FLORES, V. ; BARBISAN, L. B.; FINATTO, M. J. B.; TEIXEIRA, M.. Palavras ao leitor. In: FLORES, Valdir (Org.) ; BARBISAN, L. B. (Org.) ; FINATTO, M. J. B. (Org.) ; TEIXEIRA, M. (Org.). *Dicionário de Lingüística da Enunciação*. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

NORMAND, Claudine. Alguns efeitos da teoria saussuriana sobre uma descrição semântica. In: NORMAND, C. *Convite à lingüística* São Paulo, Contexto, 2009a.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. In: NORMAND, C. *Convite à lingüística* São Paulo, Contexto, 2009b.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1975.

STUMPF, Elisa Marchioro. *Saussure e Benveniste: ultrapassagem ou rompimento?* Anais do CELSUL: Porto Alegre, 2008